

**NO VENTRE DA CAPOEIRA: UMA RODA DE ANGOLA COM OUTRAS LADAINHAS PARA CONTAR
ANTIGAS TENSÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DE PODER NA CAPOEIRA ANGOLA**

Ivanildes Teixeira de Sena (Pós-Crítica)

Orientadora: Profa. Dra. Suely Aldir Messeder

“É preciso repensar a história brasileira a partir do legado africano. Sem isso, perderíamos em profundidade e qualidade o conhecimento sobre nós mesmos” (OLIVEIRA, 2000, p. 3). É nesse sentido que o Projeto se propõe a lançar um olhar analítico e crítico sobre a relação de gênero e a participação da mulher no universo da capoeira angola, está estruturado de modo a atender as necessidades e inquietações pessoais e profissionais, visando suprir as lacunas históricas e sociais sobre a relação de gênero hierarquizada nas rodas e treinos de Capoeira Angola. Essa hierarquização de gênero socialmente silenciada se legitima na divisão dos papéis sociais e são tensionadas nas rodas, seja no desenrolar dos jogos, na realização da musicalidade pelo controle dos jogos e manipulação dos instrumentos musicais.

Nessa análise, a tradição como pano de fundo para o silenciamento da discursão ambígua, onde ao mesmo tempo em que os corpos são representados pelos sexos, nega-lhes a sexualidade, em uma prática da cultura ocidental, onde é possível a fragmentação do SER. Em contraponto ao desafio de pensar o corpo das mulheres capoeiristas como produto e processo histórico-cultural, construído simbolicamente e desestruturador sistêmico da negação subjetiva, com base na cosmovisão da cultura africana, onde a tradição se refaz de modo contínuo e contextualizado, sem a fragmentação do SER.

Sobre a cosmovisão da cultura africana, referindo-se aos três impérios africanos, que o autor selecionou para pesquisar sobre a cultura africana, explica “limitaremos a algumas regiões daquele continente, sobretudo ao Império do Gana, Mali e Songai que tiveram sua existência entre o século X e XV de nossa era”(OLIVEIRA, 2000, p.5). Afirma o autor que:

Nestas sociedades não existe a dualidade homem/natureza. Tudo está interligado, por isso tudo interage. O uno é o todo e o todo é uno. O profano tem sua dimensão sagrada como o sagrado manifesta-se no profano. Não há escatologia. O tempo dos ancestrais é o tempo passado e o tempo do agora (op.cit.OLIVEIRA, p. 15).

Exploraremos como base para refletir sobre a tradição na capoeira angola, a cosmovisão da cultura africana, no aspecto que nos traz Oliveira (2000), compreendendo a capoeira enquanto manifestação cultural afro brasileira, onde cada partícipe está considerado como sujeito uno, sem fragmentar corpo, espiritualidade, intelecto e emoções. Constituindo-se um sujeito marcado por essa prática. O que, inclusive o título do projeto propõe.

No título do projeto e o seu jogo de palavras, versa com a necessidade de reflexão sobre, quem somos, como somos, por que somos e para que e quem somos. Entendendo que esse SER, é diverso, marcado pelo tempo da sua existência histórica e pelo grau, de precisão e definição da lente de quem ver, para além de como esse ser se imagina, auto representa e como poder ser visualmente refletido em espelho a sua imagem “concreta”.

Estamos assim refletindo sobre uma estética de existência, ponderando que, pode essa marca de existência estar atrelada a algum cânone de tradição, mas não que necessariamente esteja. Essa “marca de gente” pode ser lida, gerada ou decodificada de acordo com o signo representativo, resultando no significante pela lente de quem nos ver por um prisma, também subjetivo. Extrapolando a forma como são reproduzidas as imagens e estas, de acordo com as normatizações institucionais.

De certo modo, somos seres decodificados pelas marcas sociais diversas que nos atravessam, concreta e subjetivamente, nesse projeto de pesquisa, estamos sugerindo que pode estar codificado em um corpo humano, especificamente marcado por um ser mulher. Marcas essas, que podem definir os sujeitos e seus papéis sociais com traços de classe, raça, gênero e sexualidades. Por isso, falamos em gênero, como mais uma tecnologia social e historicamente construída e construidora de identidades. Essa marca de gente, o SER mulher\homem\transexual que tem um de corpo representativo, que identificamos nesse processo de pesquisa, como tecnologia de gênero.

Tecnologia de gênero, segundo postulação de Teresa de Lauretis (1987), é uma definição que reúne uma junção de tecnologias sociais diante da representação dos corpos pelos sexos, gerando dentre outras consequências, a limitação dos papéis sociais. A autora defende ainda que a diferença entre mulheres não pode ser entendida como diferença sexual, e, aponta como a segunda limitação do conceito de gênero como diferença sexual, é que, tende a acomodar ou recuperar o potencial epistemológico radical do pensamento feminista. A autora segue ainda, citando Audre Lorde, que parafraseia Nietzsche, com a expressão “prisão domiciliar da linguagem”, onde ela aponta à necessidade de um conceito de gênero que não esteja tão preso a diferença sexual, e que, de algum modo se confunda com ele.

O território da pesquisa, esse lócus ambíguo que transitamos que é o universo da capoeira angola, no qual investigamos através da trajetória corporal das mulheres capoeiristas, ou que tem em suas histórias de vida marcadas pela prática libertadora e de resistência da capoeira, o que definimos aqui como “corpos encapoeirados”, são justamente esses corpos marcados, atravessados por essa arte\luta de resistência que é a capoeira.

De acordo com nossas averiguações prévias, sobre a produção direcionada à capoeira, nos deparamos com uma produção significativa e ampla falando sobre capoeira. As abordagens mais recorrentes incluem questões ligadas a sua origem, trajetória social, desde a sua proibição até alcançar o status de patrimônio imaterial brasileiro. Tendo, a essa altura, reconhecida a sua importância enquanto elemento cultural de base identitária e enquanto saber ancestral. Porém, é insignificante a produção sobre a temática de gênero, nesse contexto da capoeiragem.

Quando surge o assunto, é sobre a participação da mulher na capoeira, vem dentro de uma abordagem onde identificar, mapear ou catalogar, numericamente ou geograficamente essa inserção, é classificada por alguns autores, como abordagem da temática de gênero. Pendendo para a definição de senso comum, onde considera-se gênero como sinônimo mulher e vice versa.

Reconhecemos a relevância dessas pesquisas de identificação, mapeamento, reconhecimento da intervenção da mulher nesse ambiente da capoeira, na construção da história do Brasil, da mulher enquanto “sujeito capoeira”, antes descrito como exclusivamente campo de atuação dos homens. Pois, o estudo sobre gênero, pode ter como ponto de partida esses estudos, que podem e devem compor o estudo de gênero, mas seria uma considerável limitação classificá-los como a temática de gênero, que é algo mais complexo, por envolver questões conceituais mais específicas e amplas.

No trajeto de desenvolvimento da pesquisa, surge na fala das interlocutoras, a relevância estrutural da cultura que se dá a prática dos sujeitos, aqui em especial da capoeira angola, enquanto manifestação cultural afro-brasileira. Levando-nos a investigar nuances das práticas e ideologias, tanto na estrutura cultural da cosmovisão africana, quanto na estrutura da cosmovisão da cultura ocidental. Em certo sentido, essa breve análise nos revela dos aspectos híbridos da “cultura negra” as tensões que a diversidade de elementos que, por vezes tem como alicerce uma estrutura cultural, mas na prática, conserva as ideologias de uma outra cultural.

A cultura negra é vista por Joel Rufino como o núcleo da cultura popular de nosso país, que é um sistema que se completa pela contribuição de elementos indígenas, europeus e até mesmo asiáticos. Ele também aborda a desvalorização que sofre a cultura negra por parte de uma elite social que tem um profundo desprezo pelo saber do outro. Situando a cultura popular brasileira no contexto político-ideológico nacional (BRITO, 2011, p. 33).

Na capoeira angola, o universo de referência é a cosmovisão da cultura africana, “construída com sabedoria e arte pela tradição e atualizada com sagacidade e coragem por seus herdeiros [...] altera a discussão sobre a identidade brasileira” (OLIVEIRA, 2000, p. 3), pois elucida aspectos relevantes de uma cultura, que na ritualidade das rodas de capoeira, pressionam os valores fragmentados da cultura ocidental. Causando uma tensão, porque, muito embora, ante a hipótese de que os corpos são representados pelos sexos, e, que corpo das mulheres está submetido à divisão

sexual, há uma negação discursiva da sexualidade, causando uma fragmentação caótica do “SER”. Tencionada, na relação de gênero, a divisão sexual dos corpos legitima a hierarquia dos papéis sociais pelo sexo.

Reféns das dicotomias reforma-revolução, moderno-arcaico, progresso-tradição, não valorizamos os modelos sócio-econômicos e políticos-culturais fabricados pela complexa tradição africana, que, não obstante, espalhou-se por todo o planeta levando consigo uma cosmovisão includente, imanente, dinâmica e alterativa (Op.cit. OLIVEIRA, p. 2).

Vemos nesse conchavo estrutural de elementos das culturas, um sentido entre base política, ideológica e prática ritualista. Se a base filosófica da capoeira está fundamentada de acordo com a cosmovisão cultural africana, assim como a ritualística da roda. Mas, se na prática ideológica, prevalece o princípio fragmentário da cultura ocidental, sem a equalização desses elementos, caracterizando o hibridismo da cultura, resultam conflitando a relação de gênero no lócus pesquisado. Muito embora, verificamos que pouco tem se refletido sobre a relação de gênero nesse ambiente.

Não estamos fazendo alusão a nenhuma cultura original ou pura, mas como ressalta Oliveira (2000), “A cosmovisão africana, com efeito, prima pela diversidade e não pela imposição de modelos únicos” (p.16). E é justamente essa necessidade de um modelo único e fixo que possivelmente causa as tensões ou até mesmo desencadeiam ondas de violência, simbólica ou física por uma necessidade da hegemonia de um poder masculino defendido como meio de preservar uma tradição, algo que, de acordo com as pesquisas, não demonstram coerência com a tradição, ou com as tradições.

Na verificação do estado da arte através do banco de dados da CAPS, sobre a produção acadêmica relacionada com o assunto da capoeira e a temática de gênero nesse ambiente, encontramos apenas dois projetos que dialogam diretamente com a temática em foco. Cujas autoras e títulos são respectivamente, FIRMINO, Camila Rocha (2011), “A participação das mulheres na capoeira: Uma análise das relações de gênero” e, Eliane Glória Reis da Silva Souza, (2011), “Capoeira Regional: Representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no rio de janeiro”. Ambos os projetos foram produzidos em instituições acadêmicas, fora do Estado da Bahia.

Ao dar a volta ao mundo da produção acadêmica, sobre capoeira e as relações de gênero, identificamos uma lacuna a ser preenchida sobre a temática em termos de problematização e proposição. Diante dos projetos que definem capoeira enquanto manifestação cultural afro-brasileira, as abordagens são diversas, no âmbito da tradição, educação, musicalidade, corporeidade, arte de interdisciplinaridade, em grande parte circulam pelos estudos culturais.

Como faz Catalina Salazar Granados (2011), que na sua pesquisa se propõe a analisar na capoeira, a “relação de uma das suas configurações contemporâneas com uma possível interpretação da tradição”. De outro modo, Paulo Andrade Magalhaes Filho (2011), focando na tradição, debate “as identidades angoleiras, ligadas a diferentes linhagens da capoeira angola”. Ele problematiza a tensão externa entre os grupos e suas respectivas “linhagens”. Enquanto que, em nossa pesquisa problematizamos as tensões também reificadas pela tradição, nas relações de gênero intra grupos e com a sociedade em geral. Para Cecilia Tamplenizza (2011), a globalização está no centro da discussão sobre tradição, seu projeto de pesquisa, “Capoeira Angola na Internet: comunidades, memória e tradição”, onde ela pontua, que mesmo nessa instancia midiática, conserva princípios de tradição.

Para Flavia Cachinesi Diniz (2011); Sara Abreu da Mata Machado (2012) e Marcela Guedes Cabral (2011), a temática da identidade vem como elemento base para suas pesquisas. Porém, a primeira visa identificar entre a capoeira angola, o samba de roda, o candomblé de nação angola e o culto ao caboclo, utilizando a expressão “Trânsito musical”, Ainda relacionada à identidade, Sara Machado (2012), faz uma abordagem mais focada na cosmovisão africana como elemento catalizador da identidade do indivíduo, muito embora na coletividade.

Na pesquisa de, Priscila Maria Gallo (2012), “Caxixi: Um Estudo do Instrumento Afro-Brasileiro em Práticas Musicais Populares Na Região de Salvador – Ba”, ela foca não necessariamente na capoeira, mas a partir da musicalidade, enquanto elemento da capoeira, para pesquisar um instrumento musical.

Para, Marcos Cezar Santos Gomes (2012); Veronica de Moraes Sampaio (2012); Leonardo Silva Alves (2011), as pesquisas estão relacionadas a capoeira, enquanto elemento catalizador para a arte, para o palco ou na preparação do artista para o palco. O que Sampaio (2012), define como “A tentativa de estabelecer diálogo entre a dança cênica e as chamadas danças populares no Brasil não é um fenômeno atual e está presente pelo menos desde o início do século vinte”.

Focando a importância da capoeira enquanto base educativa, mais ampla, Maria Clara da Silva Guimaraes (2012), defende que “a capoeira, além de ser considerada esporte barato, demonstrou ser potente no suporte e educação de forma global. Enquanto que, Gissele Raline da Cunha Fernandes Moura(2012) traz a discussão a partir da história politico social do Brasil, denunciando que “Os valientes e/ou capoeiras faziam parte destes grupos de indivíduos envolvidos com a contraordem vigente, que eram em sua maioria trabalhadores das lavouras de cacau, ambulantes, funcionários públicos e outros”.

Nesse mapeamento, sabe-se que mesmo acessando com afinco o máximo de informações, que de imediato se acredita possível, temos a consciência que jamais alcançaremos toda a produção a cerca de qualquer que seja a temática. Das produções em nível de mestrado acadêmico sobre Capoeira, no período de 2010 até 2014.1 foi um total de 102 registros encontrados, resultados de busca pela palavra – chave: “capoeira”. Porém, diante de resultado tão abrangente, refinamos a busca pelo significado da palavra “capoeira”, refinamos para as dissertações da Bahia, com o tema Capoeira, enquanto manifestação Cultural, defendidas no período de 2010 até 2014.

Considera-se aqui, a Capoeira Angola como uma constelação de representações e práticas sociais, como um micro cosmo com seus princípios ideológicos, fundamentos, e filosofia que incide na geografia de um corpo/espaço, cujo conteúdo, se traduz na tecnologia de gênero que é tensionada e tenciona uma tradição. Em que sentido isso pode resignificar a tradição na atualidade? Até que ponto há possibilidade de ampliar a reflexão sobre a utilização das tecnologias de gênero no universo da capoeira, e como esta tecnologia reflete na vida destas mulheres para além da roda de capoeira. Por isso, a importância de analisaremos suas respectivas historias de vida.

No transito entre participação, investigação e experimentação da e na capoeira angola, percebemos na força das narrativas da musicalidade um modo possível de intervenção na perpetuação de valores, tais como saberes e ideologias. A oralidade da performance cantada e contada nas manifestações culturais, funciona como o pólen para as flores na natureza, que pode disseminar e perpetuar as espécies vegetais, ainda que sutil, as vezes imperceptível e aparentemente desprezioso, mas, é essencial para a uma existência, e como outros elemento dessa tradição, passível de revisão e reflexões em torno da sua prática.

Assim como, a ginga, a esquiva da capoeira, que é o seu elemento base, nada menos é que desequilíbrio e transição. Esse contexto instigou-me a curiosidade de investigar, como a tecnologia de gênero atua nesse ambiente e qual o impacto sobre o corpo das mulheres capoeiristas. Esse corpo que na capoeira, é ao mesmo tempo lócus de batalha e trincheira se si mesmo.

Negritude que pode comportar atos como, por exemplo, o de gingar, revelando uma sabedoria corporal afro, conforme propõem as reflexões de Wilson Barbosa (1994). Observando a ginga, não só como postura corporal, mas também como postura existencial do negro, o estudioso busca, na própria dinâmica da cultura negra, elementos para a construção de um aparato crítico-teórico para amparar algumas análises sobre a inserção, os modos de afirmação e a alienação do negro na sociedade brasileira (BRITO, 2011, p. 36).

A capoeira na sua prática exige do/a interventor/a, um posicionamento critico. Como uma tessitura que se estrutura e autodestrói, em sua própria ação por ter proposito de resistência, combate. A relação da proposta do projeto, com o Programa de Mestrado em Critica Cultural, advêm

da possibilidade de ampliar a reflexão para o âmbito multidisciplinar que o projeto exige, transitando entre as áreas de sociologia, linguística, antropologia, história, artes, educação e afins. No âmbito da educação, direcionado prioritariamente para a formação de professores, mas com grande possibilidade de inserção na ação direta com os estudantes.

Quando vivenciei a capoeira, compreendi a necessidade de sistematizar a desconstrução negativa a respeito da mesma. As memórias das vergonhas sentidas na escola do modo como eram dadas as aulas de história do Brasil, sobre a situação do africano, do negro e do indígena nessa história. Os livros didáticos retratavam indivíduos sem nenhum referencial positivo, acomodados na subalternidade, passividade diante da violência que estavam submetidos.

Testemunhamos a capoeira sendo ainda, amplamente divulgada nas escolas como manifestação folclórica de um povo oprimido, ainda praticada com músicas que depreciam a imagem da mulher e até mesmo, contraditoriamente do povo negro. Acreditamos que uma arte que foi criada como meio de resistência não deve ser utilizada com o propósito de violentar descendentes de quem a criou para libertação e resistência, muito menos oprimir quem quer que seja.

Desenrolar teórico-metodológico da pesquisa, qualitativa, tendo como alicerce a observação participante, as entrevistas e, sobretudo, a vivência da própria pesquisadora como capoeirista. A escrita será conduzida pela ideia da “escrivência” desenvolvida por Conceição Evaristo de Brito (2011), cujo conteúdo nos reporta a escrita de um corpo inscrito em uma condição de experiência negra no Brasil.

Qual o caminho ou descaminho que poderá ser feito por mulheres, para o retorno a si mesmas, para além da construção de valores culturais pejorativos internalizados em relação à essência humana, para além do que foi estabelecido como um ser mulher?

Afirma Lauretis (1987), referencia em pesquisas sobre as tecnologias de gênero, que “Poderíamos decidir então que, como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade dos corpos, não é algo originalmente existente nos seres humanos e sim, um conjunto de efeitos produzidos nos corpos” (2010, p. 3).

Com que propósito, retém da teoria feminista a noção de ideologia libertadora e de fortalecimento das mulheres como meio de questionar uma estrutura político social que está posta, imposta? Compartilhamos com bell hooks (2000), da seguinte reflexão; “[...],tal noção fez o feminismo mais palatável porque traz dentro de si a ideia de que as mulheres podem ser feministas sem questionar e mudar fundamentalmente a si mesmas ou sua cultura”.

No que concerne à capoeira, propomos questionar; o que se mantém como tradição musical e da hierarquia de gênero, onde, de forma mais abrupta, se estabelece a tensão de fronteira entre tradição e conservadorismo? As feministas negras e ou afro americanas, como Suely Carneiro (2003); Luiza Bairros (2000); Audre Lorde (1984); bell hooks (2000), dentre outras problematizam gênero no âmbito de identidades interseccionadas, raça, gênero, classe social e sexualidades.

Em que contexto histórico define-se como principio a relevante hierarquia de gênero na capoeira, se as especulações históricas demonstram que, “[...], durante a escravidão americana, as Mulheres Africanas foram tão duramente tratadas, física e mentalmente, assim como seus pares do sexo masculino” (DAVIS, 2001, apud. WEEMS, 2009).

A propósito de dissertação, a mesma estará estruturada em três capítulos básicos com subitens, que certamente ainda sofrerão alterações até que esse processo se consolide. Vale pontuar que o processo de elaboração dos capítulos tem considerável base pela análise das entrevistas realizadas, e ainda continua em movimento, até que se acomode de fato.

No primeiro capítulo SER - MARCAS DA MULHER NA HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Que tipo de mulher marcou e marca a história com a capoeira? Mapear o universo da capoeira angola na Salvador contemporânea. Refletindo sobre o conflito estrutural entre base e fundamentos filosóficos da capoeira angola pela cosmovisão cultural africana e prática ideológica pela necessidade de sustentação da hegemonia da cultura ocidental.

O segundo capítulo - TOQUE DE MESTRAS (RE)TOCANDO A VIDA PARA ALÉM DA RODA - A professora e a escola no mesmo corpo (A rede). Corpo no contexto da cosmovisão africana. A capoeira e o feminino, os modos e as maneiras do corpo. Sobreposição de barreiras culturais. A resistência, contra ou contrariando as tradições, contextos políticos e sociais.

No terceiro capítulo - A TEXTUALIZAÇÃO DO CORPO E A INCORPORAÇÃO DO TEXTO - O corpo ritual - tudo o que move é sagrado - Cotejamento de gênero na capoeira. Desenho e esculturas dos Corpos encapoeirados – redefinindo a estética do SER - O erótico como poder. Ritual de transformação - Músicas, narrativas, poesias, poéticas, cantorias, instrumentos.

Vivenciar a força e autogestão que foram resignificadas, inventada para a superação e subversão de quem vence pela leveza da contra força, perceber os valores do sexismo com o peso do machismo, verificamos uma espécie de antagonismo, para além da natureza antagônica da arte mandingueira na capoeiragem. Há um sentido de reafirmação, reintegração por um SER humano na cosmovisão cultural africana.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. *Capoeira Angola: Cultura Popular e os jogos dos saberes na roda*. Campina, S.P./UNICAMP/CMU, Salvador- EDUFBA. 2005.
- ABIB, P. R. J. *Cultura Popular E Educação: Um estudo sobre a Capoeira Angola*. 2001.
- AMÉRICA C., NAZARÉ L. – *Letramento em Foco- Diversidade étnico-racial e cultura negra na escola*. AMÉRICA C., NAZARÉ L. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento / Gaston Bachelard; tradução Esteia dos Santos Abreu*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 5ª edição- R.J. 2005.
- BARBOSA, M. J. S. “A Mulher na Capoeira.” *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, V.9 - 2005.
- BARBOSA, M. J. S. *A representação da mulher nas cantigas de capoeira*. Disponível em:<<http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc>>. Acesso em: 02 out. 2008.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura. Interrogando a identidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, P70-104. Comentário: Sabine Mabordi (UBC -University of British Columbia)Tradução do comentário: Mariana Lustosa (UFRGS).
- BOLÉ, M. L. V. d P. Jinga. A Rainha Africana. *Revista Máxima*, em 1995. Ed. Revisada, Portal O Leme em 10-11-2005.
- BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. LOURO, Guacira Lopes (Org.) *Corpo Educado- Pedagogias da sexualidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição Autêntica -Belo Horizonte 2000, p.151.
- BUTLER, J. *Problema de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar - Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2003.
- CHAUÍ, M. *Cultura e democracia*. Salvador, 2009.
- FANON, F. *Pele negra, mascarar brancas*. Trad. de Renato da Silveira Salvador. EDUFBA, 2008.
- FANON, F. *Pele negra, mascarar brancas*. Trad. de Renato da Silveira Salvador. EDUFBA, 2008.
- FERNANDES E SILVA, C. C., P. C. da C. *Um Estudo Sobre A Participação Feminina Na Capoeira Em Campinas*. São Paulo: [?], 2009.
- FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de janeiro, Ed. Graal, 1998.
- HALL, Stuart. *Da diáspora, Mediações e Culturas*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Ed. UFMG- Representação da UNESCO no Brasil – 2003.
- HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Trad.: Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu* (22) 2004, pág.201-246.
- HOOBS, B. – *Políticas feministas*. Publicado pela south end press, Cambridge - ma, 2000.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA
- LOPES, L.P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola,
- LAURETIS, T. *Diferencias. Etapas de un camino a través del Feminismo*. Trad. de María Echániz Sans. Horas y horas, Cuadernos inacabados n. 35, Madrid, 2000.
- LAURETIS, T. *La tecnología del gênero- Tomado de Technologies of Gender. Essays on Theory, Film and Fiction*, London, Macmillan Press, 1989, pág. 1-30.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, V. Precisamos de consciência histórica e vínculos afetivos Presente! *Revista de educação .dez / 2008* . Salvador.

MALDONADO, N.T. *A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento*. Modernidade, império e colonialidade- Nelson Maldonado Torres- *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 71-114

MALDONADO.T. N. Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI.- Nelson Torres Maldonado. *Afro-ásia*, Salvador, n. 34, p.105-129, 2006.-reseha - Lícia Maria de Lima Barbosa.

MARTIN, E. *A mulher no corpo: uma análise Cultural da reprodução* - Trad. Julio Bandeira. Ed Gramond Ltda. R. de Janeiro- 2006 .

MESSEDER, S. A. E precisa isso?! : Desconstruindo o fio das masculinidades nas vivências de mulheres masculinizadas na escola e no mundo do trabalho. In Tereza Rodrigues Vieira.(org.). *Minorias sexuais Direitos e preconceitos*. 01 ed. Brasília: Consulex, 2012, V. 0i.

OLIVEIRA, E. D. de. *Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma Filosofia Afrodescendente* - Eduardo David de Oliveira – 2013. Disponível em: <<http://filosofiaancestralidade.wordpress.com/>-> Acesso em 14/02/2014.

RAGO, M. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: GROSSI, Joana Miriam (orgs.)

Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998. Disponível em: < www.cntgaliza.org>

REGO, W. *Ensaio Sócio-etnográfico*. Salvador: Editora Itapoã, 1968.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez, 1995.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. *Capoeira: sua História e as Relações de Gênero*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010.

WEEMS, C. H. "*Africana Womanism: the flip side of a coin*". Western Journal of Black Studies, The. FindArticles.com. 30 Jul, 2011. Disponível em:

<http://findarticles.com/p/articles/mi_go2877/is_3_25/ai_n28890867/

http://www.ceap.org.br/downloads/pdf/entrevista_vanda_machado.pdf >